"Sempre que vou visitar meus pais, tudo o que eles falam é sobre o passado."

"Certo."

"Eu costumava me perguntar por quê, mas, sinceramente, faz todo sentido. Veja bem, pra pessoas da idade deles, o passado é mais longo que o futuro. É por isso que falam tanto sobre ele."

"Hmm, entendi..."

"Será que vai chegar um dia em que a gente também só vai fazer isso? Ficar falando dos dias que se foram?"

"Hmm..."

Pensei a respeito.

"Não acho que isso seria algo ruim."

"Talvez não."

Essa foi a conversa que tivemos enquanto arrumávamos nossas bagagens.

Bem, eu estava arrumando, pelo menos. Quanto à Adachi, ela estava sentada no sofá vendo TV; aparentemente, deixaria pra terminar de fazer as malas mais tarde, à noite. O programa que estava passando era um daqueles educativos. Uma criança vestida com uma roupa de astronauta — que eu tinha certeza de já ter visto em algum lugar — estava lado a lado com um homem todo de branco, que parecia estar explicando alguma coisa. A criança só ficava se remexendo.

Quanta atenção Adachi estava prestando ao programa? Uns cinquenta por cento? Menos que isso?

O calorzinho agradável de maio entrava pela tela das janelas. O ar ainda não era tão úmido quanto no verão, e também não me dava aquela sensação de querer desistir de seguir em frente. No geral, eu sentia sobre a estação exatamente o que havia sentido no ano anterior, quando ela chegou.

Escolhi interpretar isso como algo positivo; se até a forma como eu sentia as estações mudasse a cada ano, então algo realmente estranho estaria acontecendo na minha vida.

O apartamento em que estávamos era um que nós duas alugamos juntas. Escolhemos juntas, e morávamos juntas.

O mesmo valia para as compras, os produtos de limpeza e os *futons*. Também para os roncos e os bocejos.

Tudo vinha em dobro.

Adachi e eu tínhamos 27 anos.

Para falar a verdade, isso ainda era jovem o bastante para que eu acreditasse que meu futuro seria mais longo do que o meu passado.

Depois de conferir uma última vez se não tinha esquecido nada, fechei minha mala. Fechei como se estivesse esmagando ela, e me certifiquei de que ficasse bem travada. Só podia torcer pra que ela não abrisse sozinha feito uma daquelas caixas-surpresa com palhaço saltitante. Pelo menos não antes de chegarmos ao hotel. Cheguei a pensar se não seria melhor escrever um bilhete para mim mesma, só para garantir que eu não abrisse ela por engano.

Amanhã, partiríamos para as férias que vínhamos planejando há um bom tempo.

Nosso destino: o exterior. Seria a primeira vez que eu viajaria para fora do país.

Ou seja, havia muito mais nessa viagem do que parecia à primeira vista. Uma enxurrada de emoções e sentimentos me invadiu enquanto pensava nisso.

"Quando foi a última vez que a gente viajou pra algum lugar?"

"Hmm... Na viagem escolar, talvez?"

Na verdade, essa era a última de que eu me lembrava. Se essa fosse mesmo a resposta certa, então já fazia o quê... oito? Nove? Quase dez anos desde então. Quase o mesmo tempo que nos conhecemos.

"A viagem escolar, hein? Que nostálgico..." ela murmurou.

"Você lembra como foi, Adachi? Tipo, o que a gente fez lá?"

"Não, não lembro. Esqueci."

"Sério? Porque, pra mim, parecia que você tava relembrando ela."

Ela não disse mais nada. Em circunstâncias normais, eu teria aproveitado a deixa para ir até ela e beliscar suas orelhas, as bochechas, sei lá... mas como não tinha tempo para isso, fui direto para a próxima mala. Diferente da Adachi, eu não podia simplesmente deixar tudo para amanhã. Por quê? Porque ainda precisava visitar meus pais antes de viajarmos.

Tinha recebido uma mensagem me pedindo pra aparecer em casa antes do fim do feriado de maio. Considerando que estávamos prestes a sair de férias, só me restava o primeiro dia para isso. Foi por esse motivo que comecei a me preparar com tanta antecedência.

Minha falta de experiência com viagens era bem evidente; sem nem perceber, acabei enchendo a mala com todo tipo de tralha. Era um desafio e tanto escolher o que tirar, só para depois perceber que a mala tinha ficado praticamente vazia e ter que começar tudo de novo.

"Você não vai visitar seus pais, Adachi?"

"Hmm... Não, tô de boa."

Depois de dizer isso, ela trocou de canal. O que apareceu na tela foi um pássaro cantando em uma ilha solitária. Também mostraram alguns pássaros que podiam ser encontrados ali perto de onde morávamos. Era assim que se chamavam? Eu não fazia ideia. Da próxima vez que saísse pra caminhar, com

certeza prestaria mais atenção nos pássaros acima de mim. *Viu só? Aprender coisas novas nunca era ruim.*

Adachi não tinha visitado os pais nem uma vez desde que nos mudamos pra cá.

Talvez isso fosse o melhor, considerando o tipo de relação que tinham.

Se eu estivesse no lugar dela, provavelmente me sentiria muito sozinha, mas no fim das contas, quem decidia como enxergar a situação era ela mesma.

Nem tudo se resolvia só porque a gente virava adulta. Na verdade, para mim parecia que eu estava sempre inventando novos jeitos de ignorar problemas que deveria enfrentar em algum momento. Às vezes, eu até pensava que ficar mais esperta com o tempo era mais uma maldição do que qualquer outra coisa.

Acabei abrindo a geladeira ao passar por ela com a mala no ombro. Como ninguém ia usá-la por um tempo, tínhamos nos certificado de esvaziá-la. Lembrei do macarrão com ketchup que a Adachi tinha feito na noite anterior enquanto fechava a porta. Isso fez uma rajada de ar gelado acariciar levemente o lado esquerdo do meu rosto, e honestamente, foi uma sensação muito boa.

Não tinha nada na geladeira, nem chá. Isso me deixou sem escolha a não ser beber água. *Por que será que eu sempre sentia gosto de desinfetante quando bebia água aqui? Era porque, na casa dos meus pais, a água da torneira vinha de um poço profundo? Talvez.* Seja como for, o gosto da água era a única coisa na vida urbana à qual eu ainda não tinha me acostumado — e provavelmente nunca iria.

Depois de encher tanto a mala restante quanto a bolsa de ombro, fui rapidamente em direção à porta de entrada.

O som dos meus passos fez com que Adachi se levantasse para vir se despedir.

Se eu tivesse que apontar uma coisa nela que mudou com o tempo, seria o cabelo — agora estava bem mais comprido. Além disso, havia algo mais... algo que eu nem sabia direito como descrever, mas que a fazia parecer bem mais madura. Seu rosto passava um certo ar de frieza, e no que dizia respeito ao comportamento, bom, ela com certeza tinha ficado mais calma desde a época da escola. Não vou mentir: às vezes me pegava lembrando de como ela se jogava de cabeça nas coisas naquela época, sempre dando o seu melhor. Não que ela não fizesse isso hoje em dia também — fazia sim, desde que alguém a empurrasse primeiro.

"Então tá. Te vejo no aeroporto."

"Uhum."

Tinha decidido fazer assim mesmo: ir direto pro aeroporto saindo da casa dos meus pais, sem voltar aqui antes.

"Faz sentido, se você parar pra pensar."

"Será mesmo?"

Adachi inclinou a cabeça de lado de um jeito que deixava bem claro que não concordava. Eu lembrava nitidamente que, antigamente, era sempre a Adachi quem dizia coisas assim. *Quando será que trocamos de papel?* Agora era ela quem agia toda calma e centrada... embora, como eu já tinha dito antes, isso fosse só na aparência.

"Pessoalmente, eu sempre escolheria a opção que nos deixasse passar o máximo de tempo possível juntas."

"Hmm..."

"Mas, dito isso, acho que as férias vão compensar por um dia longe de você."

"Hmmm..."

Confesso que ouvir isso me deixou meio envergonhada, e foi justamente por isso que resolvi bancar a descolada. Senti meu pescoço formigando.

Alguns instantes depois, as orelhas da Adachi começaram a ficar vermelhas. A pele dela então assumiu um tom parecido com o das flores de cerejeira — o que, convenhamos, combinava bastante com o nome dela.

Realmente, que nostalgia.

Parecia mesmo que, por um momento, Adachi tinha voltado a ser aquela colegial de antigamente.

"Não vale, Shimamura. Agora você também tem que dizer algo vergonhoso."

Agora ela estava sendo irracional. Era quase como se tivesse levado uma facada, e a reação dela fosse tentar empurrá-la de volta.

"Hmm... qual escolher..."

"Você tem opções prontas?"

Adachi parecia bastante surpresa. Claro que não tinha. Eu não precisaria pensar nisso se tivesse. Hmm, o que fazer. Comecei a ficar um pouco desesperada quando algo me veio à mente.

"Outro dia, acabei colocando suas roupas íntimas."

A gafe que decidi revelar aconteceu numa manhã em que acordei atrasada para o trabalho e, na pressa de me trocar, fiz besteira.

Demorou alguns segundos para a Adachi reagir. Era como se minhas palavras tivessem transformado ela em pedra.

"E você... foi aonde?"

"Pro trabalho."

Ela pausou novamente.

"E isso... é vergonhoso?"

"É pra mim."

Eu fiquei tão incrivelmente confusa quando percebi que a roupa de baixo que eu estava usando não era minha, mas de outra pessoa. Logo, percebi que tinha visto aquela peça enquanto lavava as roupas, e isso me ajudou a me acalmar. Achei que poderia simplesmente colocá-la de volta na cesta de roupas assim que chegasse em casa e nunca mais falar sobre isso com ninguém.

E agora, eu tinha contado para a Adachi. Não que ela estivesse realmente reagindo.

Depois de alguns momentos, Adachi finalmente soltou uma risada.

"Você realmente não tem nenhum senso de elegância, Shimamura."

"O quê que você disse?"

Nunca esperaria uma resposta assim. Era como se ela tivesse lido minha mente.

Continuamos conversando por algum tempo, até que, eventualmente, decidi que era hora de eu partir.

"Bem, então. Até amanhã."

"Até."

Mais uma vez, repeti minhas palavras de antes.

Eu acreditava que promessas positivas como aquela podiam ser repetidas quantas vezes você quisesse.

O simples fato de poder conversar com alguém sobre o amanhã… era maravilhoso.

Abri a porta, mas no momento em que estava prestes a sair, uma voz desesperada me chamou.

"Minhas roupas íntimas, err, quais eram as cores delas?"

A voz, claro, era da Adachi, que agora estava em pé, atenta, por algum motivo.

"E o que você faria com essa informação, Adachi?"

Amanhã começaria nossa primeira viagem juntas.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava animada.

***

A coisa que me surpreendeu imediatamente quando cheguei foi o fato de a porta da frente não estar trancada.

Um suspiro me escapou. *Sinceramente, essas pessoas são boas demais para esse mundo.*

Eu estava prestes a apertar a campainha quando percebi algo ainda mais surpreendente se aproximando.

Esse algo era um tubarão com um bolinho de arroz na mão. E não era qualquer tubarão, mas um tubarão bípede.

"Ah, eu sabia. Era você, Shimamura", disse o tubarão. Um sorriso então se formou em seu rosto: "Bem-vinda de volta."

"Obrigada."

Como costumava acontecer toda vez que eu vinha visitar, Yashiro foi a primeira pessoa a me cumprimentar. Decidi levantá-la para ver se ainda conseguia.

Ela não era nada pesada. Sinceramente, parecia que eu estava levantando uma nuvem.

"Waah!"

O jeito como ela balançava os braços deixava claro que estava se divertindo bastante. Uma década depois, ela ainda estava exatamente como quando a conheci.

Sua altura, seu cabelo, seu sorriso. Estavam todos iguais.

A única mudança era que, em vez de um pijama de leão, ela agora usava um de tubarão. Ela tinha o hábito de trocar esses pijamas com bastante frequência. De qualquer forma, fosse no mar ou na praia, o fato é que sua cabeça estava sempre sendo comida.

"Já faz um tempo."

"Não, não faz."

Nos vimos pela última vez há apenas dois dias. Por algum motivo, ela estava em nossa casa quando cheguei. Ficou por um tempo, comeu alguma coisa e depois foi embora. Adachi também parecia ter se acostumado com a presença dela, e de vez em quando, eu a via alimentando-a como se fosse um animal de rua. A distância entre a casa dos meus pais e nosso apartamento parecia não importar nem um pouco para ela. Ela podia aparecer sempre que quisesse, assim, do nada.

A impressão que eu tinha era que, ao contrário da maioria das pessoas, Yashiro não estava limitada a conceitos como tempo ou distância — ou relacionamentos, para ser honesta.

De certa forma, isso era exatamente o que eu sempre sonhei.

Se ao menos eu pudesse viver a vida como ela. Só isso.

"O que é esse bolinho de arroz?"

"É meu lanche."

Ela continuou explicando que estava recheado com algas. Embora, para ser sincera, isso não fizesse realmente diferença.

"Quer dar uma mordida?"

"Hmm. Claro, por que não?"

Abri a boca.

"Só uma mordida."

"Tá, tá."

O sabor salgado que imediatamente preencheu minha boca me fez perceber que aquele bolinho de arroz havia sido feito localmente. Minha mente vagou para os dias esportivos que eu havia participado quando ainda era estudante.

Os mais recentes não eram nada comparados aos primeiros, aqueles que aconteceram quando eu ainda estava no ensino fundamental. Lembro de ter ficado tão incrivelmente animada para eles.

Como cicatrizes que se curaram com o tempo, mas ainda eram visíveis, aquela sensação da paixão que permanecia em mim, subindo à superfície, ainda me acompanhava.

Yashiro deu uma mordida no restante do bolinho de arroz. Considerando o quão pequeno seu rosto era, ela realmente tinha uma boca bem grande.

"Comer esse bolinho de arroz me deixou com dez por cento de fome."

"Isso não é muita coisa."

Ela era o tipo de criatura que já precisava de mais comida depois de apenas cem passos.

"Eu queria te perguntar, o que é isso que você está vestindo?"

"A Pequena me deu", a garota respondeu, abanando a cauda de um lado para o outro.

"Mas por que isso?"

Agora que parei para pensar, aquela garota sempre teve uma queda por animais marinhos, não tinha?

Bem, não que isso tivesse algo a ver. Provavelmente.

Deixei Yashiro no chão, e enquanto isso, peguei minha bolsa de volta. Quanto à garota, ela rapidamente lambeu os dedos para limpar qualquer grão de arroz antes de sair andando. Eu a segui até a sala de estar, onde vi minha irmã sentada na frente da TV com as pernas espalhadas. O som dos passos de Yashiro fez com que ela virasse a cabeça e, em seguida, mudasse sua atenção para mim. Ela não parecia particularmente chocada ou surpresa.

"Ah, onee-chan. Você voltou?"

"Acabei de chegar."

"Quando a Yachi correu, achei que ela fosse apenas pegar doces ou algo assim."

"Vem cá, vem cá", a garota fez um gesto para a Yashiro com os braços abertos. Ela fez exatamente isso, e depois de se sentar entre as pernas da minha irmã, o que ela ganhou por seus esforços foi um biscoito. Sons de prazer preencheram a sala enquanto o biscoito — com formato de um animal — desaparecia em sua boca. Deveria ser mesmo delicioso para fazer até mesmo um tubarão engolir tudo assim.

De qualquer forma, ficava a dúvida: *Como é que a Yashiro sabia que eu estava chegando antes mesmo de eu tocar a campainha?*

A imagem que surgiu na minha mente foi a de um cachorro — ou de um gato — de repente virando a cabeça para olhar para cima, como se não houvesse nada ali.

"Cadê a mamãe?"

"Na cozinha."

Concentrei os ouvidos e, entre os sons da TV, consegui ouvir o som de uma faca batendo na tábua de cortar.

Depois de colocar minha bolsa no canto da sala, me sentei um pouco de lado, atrás da minha irmã. Vendo-a sob esse ângulo, ela realmente parecia comigo quando eu estava no ensino médio. O comprimento do cabelo, a maneira como se portava, tudo era igual. Era meio estranho olhar para ela. Mas, pensando bem, já que eu nunca me vi de costas, talvez fosse só minha imaginação.

Sempre achei que teria sido melhor se ela não tivesse crescido para ser como eu, mas acho que a hora havia chegado.

Como uma bola rolando, ela havia preenchido o vazio deixado pelo meu caminho.

Minha irmã usou o dedo para levantar o capacete de tubarão da Yashiro. Isso revelou o cabelo da garota, azul como o oceano e coberto por partículas de luz. Rindo, ela começou a acariciá-lo, fazendo com que os fios de cabelo passassem pelos seus dedos como se fossem ondas. Ela então pegou outro biscoito e colocou na boca da Yashiro, que imediatamente começou a mastigá-lo.

Embora a diferença de altura entre as duas fosse bem maior do que no passado, parecia que elas ainda estavam tão próximas quanto antes.

Se fosse para dizer algo, para mim parecia muito mais fácil entender as duas agora do que naquela época.

"Vai por mim, é melhor não alimentar demais."

Dez anos depois, de fato, mas eu decidi dizer mesmo assim. De qualquer forma, minha irmã não parecia compartilhar das minhas preocupações.

"Hmm. Mas ela é tão fofa."

"Né?" ela completou, virando a atenção para a Yashiro.

"Sim?" a garota respondeu enquanto mastigava o biscoito, com os olhos bem abertos de uma forma muito inocente. Assim como nos velhos tempos, as duas ainda pareciam muito com uma dupla de irmãs, uma mais velha e outra mais nova — mesmo que na verdade não estivessem tão distantes em termos de idade.

"Parece que a mamãe também se apegou a ela."

"Não se pode viver só com fofura..."

Dito isso, pensando um pouco mais sobre, ela realmente se assemelhava a um animal de estimação em muitos aspectos.

Cães, especialmente, eram fofos.

"Dizemos aos vizinhos que ela é estrangeira."

"Estrangeira, é?"

"Vim andando pelas águas do oceano. Haha."

Eu não tinha muita certeza do que ela quis dizer com isso. *Estaria falando do oceano de estrelas, também conhecido como espaço? Talvez.* Seja como for, ela continuou mastigando seu biscoito — este, com formato de sapo. Ao fazer isso, ela revelou seus dentes, que também brilhavam com a mesma luz azul que seus olhos. Realmente, que criatura misteriosa ela era.

"O oceano..."

Eu iria atravessar um amanhã. *Como seria?*

Me deu uma sensação meio fofa imaginar que seria algo como voar por uma tela de TV.

Será que eu conseguiria encontrar outras criaturas como a Yashiro lá? Acho que logo saberíamos.

"É pedir demais que você me cumprimente quando voltar para casa?"

Alguém me deu uma palmada na cabeça. Eu me virei rápido, mas levei outro tapa antes de conseguir.

As palmadinhas repetidas estavam realmente começando a me irritar. Me virei para pôr fim nisso, dessa vez de verdade, e lá em cima, vi minha mãe me dando uma palmada com as duas mãos. Ela pausou por um segundo, para então mirar minha testa. Felizmente, eu estava pronta dessa vez, então consegui desviar o ataque. Minha mãe rapidamente desistiu de tentar e ficou em pé, reta.

O que restou foi o cheiro de cebola crua.

"Ei, fale logo. Cumprimente", ela exigiu com a palma virada para cima. O que ela estava fazendo aqui me dava vontade de fazer o oposto.

"...Cheguei."

Dito isso, já que eu não tinha uma resposta inteligente ou algo assim preparado, acabei tendo que dizer.

"Bem-vinda. Viu? Não foi tão difícil. Sério, onde é que foram parar suas maneiras?"

"Eu ia dizer. Só não tinha chegado lá ainda."

"Humph!"

Que reação rude. Minha mãe então se virou e correu de volta para a cozinha.

Embora ela pudesse certamente ter escolhido palavras mais gentis, era verdade que, no final das contas, a culpa era minha.

"Nossa, onee-chan. Você não está fazendo progresso nenhum."

Minha mãe ficava brava comigo toda vez que eu ia visitá-la, assim como fazia no passado. Quanto à minha irmã, ela também parecia ainda gostar de fazer piada comigo.

Naquela época, tal afirmação teria rendido uma punição considerável, mas agora, eu achava que levantar para fazer isso seria esforço demais. Acho que essa é a essência de se tornar um adulto.

Em dado momento, a corda da juventude que nos unia escapou das minhas mãos.

"E é isso. São todos os biscoitos", a garota declarou enquanto jogava o último na boca da Yashiro. Ela então começou a mastigá-lo com movimentos bem exagerados. "Quando ainda estava no ensino médio, eu costumava gastar o quê? Um terço da minha mesada com os lanches da Yachi? Algo assim."

A maneira como ela disse isso me levou a acreditar que ela não se importava muito com isso.

"No fim das contas, é até legal saber que dá pra comprar a felicidade."

"Especialmente quando não custa muito", ela continuou, fazendo isso enquanto puxava as bochechas da Yashiro.

O som da sua risada preencheu a sala enquanto seu rosto esticava como um pedaço de *mochi*.

Não pude deixar de balançar a cabeça enquanto observava as duas. *Elas pareciam tão satisfeitas.*

Não era como se eu não entendesse de onde ela estava vindo.

Eu gastando o dinheiro que ganhei com a Adachi era basicamente a mesma coisa.

***

O que estávamos jantando naquela noite era *okonomiyaki* com macarrão e ovos.

"Tudo frito?"

"Sim? Não é disso que você gosta?"

"Bem, é, mas mesmo assim."

"Eu também gosto."

"Eu gosto, eu gosto", Yashiro levantou a mão. Havia algo que ela não gostava? Pelo que eu podia perceber, não.

Yashiro estava ocupando a cadeira que eu costumava usar. Era a cadeira bem ao lado da minha irmã, e pensando bem, fazia até certo sentido. De qualquer forma, isso me deixou sentada onde o papai estaria.

"Cadê o papai?"

"Ele está pescando com o velho da casa ao lado."

"Hmph. Ele realmente gosta de fazer isso, né?"

Eu não sabia exatamente quando isso tinha acontecido, mas em algum momento, o papai ficou completamente viciado em pescar. Era tanto que ele começava a gritar coisas como "Peguei um!" enquanto caminhava pelo corredor. *Será que isso era mesmo uma coisa boa?* Fico me perguntando.

Deixando tudo isso de lado, era muito bom estar em casa. Eu podia me deitar e, logo, a comida simplesmente apareceria.

Que coisa maravilhosa. Foi o que pensei comigo mesma enquanto dava uma mordida no *okonomiyaki*. O sabor doce de repolho e cebolas rapidamente encheu minha boca.

Ao mesmo tempo... *Hã?* Inclinei a cabeça para o lado. Usei os *hashis* para cortar um pedaço de outra parte e coloquei na boca.

Estava delicioso, sim. Mas havia algo faltando.

"Esse *okonomiyaki* não tem carne."

"Não tem. Achei que poderia ter um pouco na geladeira, mas, no fim das contas, não tinha."

"Hahaha", mamãe riu calmamente. Ao olhar mais de perto, o macarrão também era só repolho e nada de carne.

"É igual naquele programa antigo. *Molho laser! Alga voadora!*"

"*Não foi nada, não foi nada.* Ok, foi divertido", ela completou, encerrando o assunto.

"Isso acontece frequentemente."

Enquanto observava minha irmã calmamente sugando o macarrão, tive a impressão de que ela estava mais do que acostumada com isso.

"Hmm... Bem, tanto faz."

Será que isso era o que as pessoas queriam dizer com o gosto único da comida caseira? Talvez.

Em seguida, resolvi provar os ovos. Esses, por sua vez, não deveriam conter carne desde o começo.

O sabor doce e frito deles envolveu tanto meus dentes quanto meu coração. E realmente, tinha gosto de casa.

E ainda assim, a pessoa que mais estava aproveitando era alguém que claramente não era da nossa família, mas sim uma estranha que morava ali há quase dez anos.

"Deve ser o destino."

"Dado o seu visual, fico chocada com o quanto você é sem vergonha..."

Me senti um pouco deslocada enquanto a observava. Era como se os pratos e panelas pudessem começar a falar a qualquer momento.

Quanto à própria Yashiro, ela não parecia dar atenção nenhuma para mim. Ao contrário, ela simplesmente continuava mastigando.

Pouco depois de terminarmos de comer, minha irmã, que sempre estava ali com a gente, se levantou.

"Ok. Vamos tomar um banho, Yachi."

Dito isso, ela então pegou a mão de Yashiro.

"Hoje não precisa."

"Precisa sim."

Os esforços da garota para escapar foram frustrados pela minha irmã, que a arrastou pela nuca. *Pode se debater o quanto quiser, tubarãozinho, mas não vai escapar.* Mesmo assim, eu meio que duvidava que ela estivesse realmente tentando.

Com sua "presa" em mãos, minha irmã se virou para me olhar.

Quase parecia que eu estava encarando meu eu antigo. Bem, não que eu já tivesse me visto dessa forma, mas ainda assim.

"Acho que agora entendo como você me via, onee-chan."

Os olhos dela estreitaram levemente enquanto ela dizia isso. Fiquei com a impressão de que era uma lembrança carinhosa para ela.

"Entende?"

"Sim. Agora, vamos, Yachi."

Minha irmã então começou a correr. Não era fácil fazer um tubarão tomar banho.

"Como eu a via? Hmm..."

Talvez como uma irmã mais nova?

A resposta não vinha e, honestamente, isso estava me deixando meio assustada.

Obviamente, não tinha como eu pedir para ela me dar um exemplo. Seria ridiculamente patético.

Embora a TV estivesse ligada, o programa que estava passando mal ficou gravado em minha mente. Estava muito distraída pensando nas palavras da minha irmã.

Acontece que era bem difícil perceber o óbvio.

"Hmph."

Não foi um suspiro meu. Levantei a cabeça e lá estava minha mãe, de pé.

"Que foi?"

"Ouvi dizer que você vai viajar pra fora nas férias?"

A maneira como ela formulou a pergunta me confundiu. Por alguma razão, parecia que ela estava me perguntando sobre isso pela primeira vez.

"Tenho quase certeza de que falamos sobre isso ao telefone não faz muito tempo."

"Sim, eu sei. Eu me lembro."

Ela então deu de ombros. *Sério, o que estava acontecendo com ela? Eu mal conseguia me lembrar da última vez em que ela me confundiu tanto assim.*

"...E?"

"Isso."

Apesar de ela ter sido a primeira a trazer o assunto, ela ficou simplesmente inclinando a cabeça para o lado.

"Bom, tanto faz."

Então ela se afastou. Aparentemente, isso era o suficiente para ela.

"Hã? O quê?"

Realmente não havia como entender essa mulher. E não falo apenas em termos de seu comportamento e do que ela fazia; eu também era incapaz de entender a forma como sua aparência mudava. Desde o momento em que nasci, ambos os meus pais já eram adultos. E eles continuariam assim até a minha morte. Isso significa que, mesmo agora, dez anos depois, eu ainda tinha dificuldades em apontar qualquer coisa nela que fosse diferente.

Acho que o cabelo dela parecia um pouco mais branco do que antes, mas era basicamente isso.

Não que eu fosse ousar dizer algo assim para ela. Quem sabe, ela poderia acabar me beliscando as pálpebras e esticando elas ou fazendo algo doido desse tipo.

Depois de passar um tempo assistindo TV e chegando à conclusão de que realmente não conseguia me concentrar no programa que estava passando, fui lá e desliguei o aparelho. Em seguida, abri a porta de vidro que dava para o jardim lá fora, e instantaneamente, pude sentir o vento frio da noite na ponta do meu nariz.

Sentei no chão e deixei o vento passar por mim.

Ainda era cedo demais para ficar empolgada.

Eu estava na casa dos meus pais, e ainda assim, a cada hora que passava, sentia que estava perdendo o que restava da minha calma.

Será que eu me sentia assim também na véspera da nossa viagem escolar?

Alguns momentos se passaram até que eu pude ouvir passos atrás de mim. Me virei rapidamente.

A garota que se aproximava de mim não era mais um tubarão.

"Uau. Que chique."

Agora ela estava vestindo um *yukata* azul. Seu cabelo parecia ainda estar molhado, e enquanto ela corria para frente, espalhava gotinhas de água ao redor dela.

Essas gotinhas também cintilavam com o mesmo brilho do cabelo dela.

"A mamãe me deu isso para dormir."

Eu estava começando a ter a sensação de que todas as roupas dela eram aquelas que tinham sido dadas para ela. Bem, acho que era verdade que, se você simplesmente a deixasse sozinha, ela não usaria nada.

“Mamãe?”

“Eu me tornei boa amiga do papai também. Às vezes, eu vou pescar com ele.”

“Mamãe, papai... Você está falando sobre meus pais?”

“Sim”, Yashiro assentiu. Ela então se sentou no chão ao meu lado.

“Eu perguntei pra eles como eu deveria chamar, e foi isso que eles me disseram pra usar.”

“Hmmm...”

Caso você esteja curioso, eu sempre chamei eles de mamãe e papai, mesmo quando era pequena. O mesmo acontecia com a minha irmã.

Eu só achava os termos “mamãe” e “papai” muito embaraçosos por algum motivo. Era tanto que, simplesmente ouvir outra pessoa usá-los já era o suficiente para me deixar desconfortável.

“Vocês são todos tão gentis. Você também, Shimamura.”

“Acho que sim.”

Era difícil imaginar alguém que não fosse gentil tratando uma criança que basicamente apareceu do nada dessa forma.

“Hmmm...”

Talvez fosse o caso de que, em momentos como esses, as boas intenções se sobrepusessem às preocupações?

Deixando de lado se era inteligente ou não deixar uma criança estranha entrar em sua casa, o que descobrimos foi que Yashiro não dava sinais de voltar para qualquer que fosse a casa de onde ela tinha vindo. Ela também não envelhecia, não importa quantos anos passassem.

Isso era... como dizer... perfeito para nós? Ou talvez eu não devesse dizer isso?

“Mamãe me dá fatias de repolho de vez em quando.”

“Isso só quer dizer que ela não sabe como te tratar...”

Será que ela achava que Yashiro era um coelho ou algo do tipo?

Passamos os próximos momentos assim, com o vento me refrescando de um lado e Yashiro me aquecendo do outro. O que eu quero dizer com isso? Bem, o nariz e as bochechas da garota estavam bem vermelhos e praticamente irradiando calor. Eles também emitiam luz, o que foi o motivo de eu poder ver a cor deles, mesmo com a escuridão lá fora. Novamente, me vi chocada: *Que tipo de criatura ela era, afinal?*

Eu tinha certeza de que não encontraria ninguém como ela além dos mares.

“Eu vou viajar amanhã. Vou para o exterior.”

“Ooh.”

A forma como ela reagiu parecia meio aleatória no começo. No entanto, não demorou muito para que seus verdadeiros desejos se mostrassem.

“Vou estar esperando por um presente.”

“Eu meio que já esperava que você fosse dizer isso.”

Olhando para ela, enquanto ela me olhava de volta com um brilho nos olhos, senti que entendia como minha irmã se sentia quando comprava doces para ela.

A quantidade de alegria pura e inocente que ela demonstrava não era algo acessível para pessoas normais. Para alcançá-la, você tinha primeiro que ser tão ingênuo quanto ela.

"Hmm. Ainda assim, é estranho."

"Estranho?"

"Sim."

Acariciando suavemente o cabelo da Yashiro, comecei a explorar meus sentimentos.

Quando ainda éramos crianças e estávamos no ensino médio, nem Adachi nem eu poderíamos ter viajado para o exterior. Faltava-nos a capacidade de ir para lugares tão distantes. Porém, agora podíamos. Podíamos ir para qualquer lugar que nossos corações desejassem; assim como não havia ninguém nos dizendo para fazê-lo, também não havia ninguém nos impedindo.

Tínhamos que tomar essas decisões sozinhas. Precisávamos escolher nosso próprio caminho.

Em algum momento, parei de ser uma criança e me tornei uma adulta.

Isso não deveria ser uma transição suave. Era para você, um dia, se levantar e pular sobre a distância. E ainda assim, eu não conseguia me lembrar de quando fiz isso.

"Será que foi quando você conheceu a Adachi?"

Sendo uma criatura saída diretamente de um conto de fadas, cuja única preocupação na vida era conseguir mais doces para comer, Yashiro não podia exatamente simpatizar com as minhas preocupações. Por isso, sua resposta saiu de forma tão casual. Na verdade, o simples fato de ela ter me dado uma resposta já me deixou surpresa.

Nunca imaginei que ela fosse o tipo de pessoa a responder aos dilemas filosóficos dos outros.

"Não importa a realidade, você e a Adachi sempre estarão destinadas a se encontrar", ela disse em seguida. Soou como um simples bate-papo para mim, algo que ela provavelmente ouviu por aí.

Dado que ninguém tinha a capacidade de voltar atrás e reviver sua vida, só poderia existir uma realidade.

De qualquer forma, como Yashiro não tentou embelezar demais suas palavras, decidi segui-la em seus próprios termos simples.

"Sério?"

Sim, ela assentiu de volta. Sua resposta parecia indicar que isso não era grande coisa para ela.

Por alguma razão, me vi querendo acreditar nela.

"É nesse instante que a sua mudança começa, Shimamura."

A mãozinha da garota pressionou meu ombro.

Não era a nadadeira de um tubarão ou a pata de um leão, mas a mão da Yashiro.

"Hehehe. Verdadeiramente, um bom encontro."

Por que ela soou tão orgulhosa de si mesma enquanto ria? Eu realmente não sabia.

"Hmm..."

Não pude deixar de pensar que a Adachi ficaria muito feliz em ouvir isso, se ela estivesse aqui.

De algum jeito, me parecia um desperdício.

"Agora que penso nisso... Sim. Você disse algo parecido quando nos conhecemos."

"Disse?"

Será que ela não se lembrava? Pelo menos, foi isso que a maneira como sua cabeça ficou inclinada para o lado parecia sugerir.

"Você me disse que eu havia nascido pra te conhecer."

"De fato."

Novamente, sua resposta veio de forma extremamente rápida, quase sem nenhum atraso. Então, ela realmente se lembrava.

A conversa logo continuou.

"O motivo de esse mundo existir é porque você me conheceu."

"Hã? E o que você quer dizer com isso?"

"Bem, veja, o que chamamos de mundo na verdade não é tão flexível assim. Quem nasce, que tipo de eventos acontecem, o que você come todos os dias, essas coisas são basicamente as mesmas em todas as realidades possíveis. Para que uma banana seja uma banana, ela primeiro precisa das alocações para ser uma banana. Você entende o que estou dizendo? O mundo já tem essas alocações predefinidas, e por isso, ele não pode funcionar de uma maneira que não as corresponda. Simplesmente não é possível. É por isso que a maioria das realidades é basicamente igual. O fato de você ter conhecido Adachi também aconteceu por causa de como o mundo é estruturado."

Sua voz, tão inocente como sempre, seu tom como o de uma criança, Yashiro logo assumiu uma forma bem mais incômoda do que o normal.

Para ser bem sincera, só metade do que ela disse realmente entrou na minha mente. Eu sentia que precisava de um quadro negro na minha frente para entender tudo.

"A única coisa que separa essas outras realidades dessa aqui é que eu estou aqui. Minha presença é o que faz a diferença."

"....."

"Eu", a garota repetiu. O cabelo dela — parecendo um pouco mais profundo no tom azul do que o normal, graças à escuridão ao nosso redor — balançava de um lado para o outro enquanto ela falava.

"Não há mais ninguém. Só eu."

Não sei por que, mas de uma forma estranha, eu quase entendi o que ela quis dizer. Era uma daquelas coisas impossíveis de colocar em palavras.

"Você é uma grande figura então, hein?"

"Hehehe."

Nada na maneira como ela falava me dava a impressão de timidez. Isso seria devido à coragem, ou talvez por excesso de confiança? Ou talvez, para a Yashiro, o conceito de mundo fosse algo que ela entendesse perfeitamente. Dispositivos como a TV ou o telefone poderiam parecer assustadores no

começo, quando você não sabia como funcionavam, mas assim que você entendia, logo percebia que não havia nada a temer. Talvez fosse assim para ela? Não que eu pudesse dizer com certeza. Enfim, vamos continuar.

"Bem, mais precisamente, eu deveria estar falando sobre a nossa existência..."

"Hmm?"

"Eu estou aqui porque você está, Shimamura. Isso pode parecer a mesma coisa à primeira vista, mas o que é importante é que tinha que ser você. Ninguém mais serviria. Essa é a razão pela qual acredito que você nasceu para me encontrar."

Embora as palavras individuais que Yashiro usava não fossem tão complicadas por si mesmas, quando você as juntava assim, o entendimento de tudo isso meio que passou por cima da minha cabeça.

No geral, esse assunto não era nem um pouco fácil de aceitar quanto a maneira como ela dizia.

De fato, não havia nada mais difícil do que transmitir algo a outra pessoa sem que ela te entendesse errado.

O conceito de sinceridade só poderia existir quando fosse recíproco.

"Então, em outras palavras, é destino, então?"

"Sim. Destino."

Aquela palavra familiar, por si só, tornou nossa relação complicada tão simples.

"Eu entendi até aí, mas além disso, eu não entendo."

"Hmm? Mas, é tão simples."

Mais uma vez, a garota colocou a mão em meu ombro. Ela parecia tão orgulhosa de si mesma quanto da última vez que fez isso.

"Hehehe. Verdadeiramente, um bom encontro."

Será que era isso?

Me vi desviando o olhar.

O que eu havia conquistado depois de conhecer a Yashiro?

Vamos supor que ela estivesse falando a verdade.

Vamos supor que eu tivesse nascido para que pudesse encontrá-la.

Então, de novo, o que eu havia alcançado?

Esse raciocínio não ia levar a lugar nenhum. Era tudo hipotético, baseado apenas em suposições. E ainda assim, por alguma razão, me vi incrivelmente curiosa sobre isso.

O pequeno deixe de luz ao longe continuava a brilhar. A única pergunta que eu sabia responder era uma muito mais banal. *Será que foi divertido conhecer a Yashiro?*

Com um sorriso no rosto, voltei meus olhos para ela.

"Hmm..."

Então, acariciei a cabeça dela, quase como se estivesse pegando um pouco daquela luz para mim.

"Ah, Yachi. Aí está você."

A pessoa que falou foi minha irmã. Ela estava vestindo um pijama com mangas surradas, me dando a impressão de que aquela peça era bem antiga. Eu podia ver um pouco de vapor saindo de sua pele e a toalha de banho que estava pendurada em seus ombros.

"Você também, onee-chan."

"Sou eu."

Cheguei a fazer um sinal de paz com os dedos como uma piada, mas, infelizmente, essa tentativa de ser engraçada foi completamente ignorada por todos.

"Vamos lá. Quantas vezes eu preciso te dizer? Não pode sair correndo antes de eu secar seu cabelo. Olha só, você molhou o chão de novo."

"Está quente, então vim aqui para me refrescar. Que tal você se juntar a nós, Pequena?"

"Não, obrigada. Não quero ser comida pelos insetos. Enfim, aqui. Trouxe sorvete pra você. É de feijão adzuki, o seu favorito."

"Hyaah!"

Assim que minha irmã revelou o que estava segurando atrás das costas, Yashiro pulou e começou a correr em direção a ela. Onde eu já tinha visto isso antes? A resposta veio quase imediatamente: *Adachi*. Outro dia, ela também havia usado sorvete para chamar a atenção da garota. Para Yashiro, aquilo era como isca para peixe. Me lembrei nitidamente de como Adachi murmurou seus pensamentos sobre o assunto. Vamos apenas dizer que ela não parecia nada divertida. Ela chegou a chamar Yashiro de "criatura estranha", ou algo do tipo. O círculo de conhecidos da Adachi definitivamente havia se expandido nos últimos dez anos, mesmo que fosse apenas um pouquinho.

Seria essa a decolagem da Adachi? Eu havia perdido?

Me virei em direção ao céu noturno. Amanhã, estaríamos em outro lugar, sob um céu totalmente diferente.

Pensando no que isso realmente significava, no que isso envolvia, pude sentir minha respiração acelerar um pouco.

Eu estava animada, mas também um pouco nervosa.

Acho que viajar era uma daquelas coisas que você acaba se acostumando depois de fazer algumas vezes.

Dado que ainda não tinha essa experiência, minha mente estava cheia de todo tipo de pensamentos, preocupações e orações, que eu lancei para o céu noturno.

Emoções, quando frescas, têm um gosto muito mais real.

***

Na manhã seguinte, me vi mastigando as fatias de repolho que me haviam dado.

"Eu também sou um coelho?"

Yashiro estava ali ao meu lado com seu próprio pedaço de repolho, uma parte pendendo na lateral da sua boca.

Quanto à minha irmã, ela ainda estava na cama. Não parecia que ela iria se levantar para me dar um tchau.

Acho que não fazia diferença; eu voltaria para visitá-la no verão mesmo.

A atmosfera na cozinha pela manhã estava bem leve. Ao contrário do sol do verão, o que estava brilhando naquele momento não tinha a força necessária para empurrar as pessoas para baixo, para fazê-las se sentirem oprimidas. Na verdade, teve o efeito oposto em mim; senti toda a fadiga sair do meu corpo à medida que fui ganhando mais controle sobre ele, podendo me mover como quisesse.

Depois de lavar o rosto e colocar a maquiagem, enviei uma mensagem para a Adachi.

"*Você já acordou?*"

Não demorou muito para a resposta chegar.

"*Eu é que deveria estar te perguntando isso. Você não dormiu tarde, né?*"

"Com quem você acha que está falando...?"

Sério, que tipo de pessoa ela achava que eu era?

"Hmm..."

Dito isso, era verdade que, cerca de metade das vezes, eu fazia minhas preparações matinais e saia de casa enquanto ainda estava praticamente inconsciente. Só voltava a mim para perceber que já estava dentro do trem a caminho do trabalho, o que era uma ocorrência comum na minha vida. Eu me perguntava, *seria possível realmente entender aquela sensação de choque que vinha com isso?* Eu meio que duvidava que houvesse muitas pessoas por aí capazes de sentir isso.

"*Estou indo para o aeroporto agora.*"

"*Eu também.*"

Enquanto eu demorava um pouco para escrever minha resposta, a de Adachi chegava quase imediatamente. Sempre foi assim. *O que exatamente causava essa diferença entre nós?*

Ultimamente, eu tinha gostado de pensar sobre esses tipos de assuntos. Uma razão para isso era que me ajudava a dormir melhor à noite.

Fui em direção à porta da frente. Lá, dei uma rápida batida na minha bolsa e também confirmei com os meus próprios olhos que Yashiro estava ao lado da minha mãe. *Certo.*

"Sim?" a garota me perguntou, parecendo um pouco confusa.

"Ah, nada. Só queria ter certeza."

Se ela fizesse o que fez da última vez, estaríamos em apuros.

Com minha bolsa no ombro e minha mala na mão, me levantei.

Eu podia sentir a metade superior do meu corpo tremendo levemente sob o peso da bagagem.

"Certo, então. Vou indo agora."

"Sim, sim", minha mãe acenou para mim. Ela parecia estar mais focada em escovar os dentes do que em se despedir de mim. Quanto à Yashiro, bem, ela estava apenas balançando os membros para frente e para trás sem qualquer tipo de sentido.

Hoje, ela era um leão. *Esse eu conhecia bem.*

"Cuide-se."

"Pode deixar."

"Mesmo assim, tenho que dizer, você é péssima em arrumar mala."

Um suspiro profundo saiu da boca dela enquanto ela olhava para mim e para as malas que eu estava carregando — essas ocupando muito mais espaço do que meu corpo.

"Você não vai usar nem metade disso."

"Cala a boca."

"Além disso, vai ser bem difícil trazer lembrancinhas."

Nunca disse que ia comprar nada para ela. Hmm, bem... Mas acho que uma caixa de chocolate local não seria muito pesada.

"Ops."

Eu não tinha intenção de dizer aquilo. Na verdade, o som simplesmente saiu da minha boca por conta própria enquanto eu fazia o meu melhor para arrastar as malas comigo.

"Precisa de ajuda, vovó?"

"De novo, cala a boca."

Estava sendo zoada como uma criança. Dito isso, era esforço demais para mim me virar, então eu não fiz.

O que eu fiz, em vez disso, foi empurrar a porta.

O vento fresco da manhã passou pelos meus olhos e meu rosto, limpando as últimas migalhas de sonolência.

"Hougetsu."

O som do meu nome sendo chamado em voz alta me fez parar. Dessa vez, eu me virei, embora de maneira um pouco rígida.

Vi minha mãe lá, com os braços cruzados e a escova de dentes na boca. Só isso.

"Olha, tenho que admitir, mandei bem no seu nome. Pois é, pois é."

Ela estava apenas cantando seus próprios elogios. Decidi esperar alguns momentos para ver se ela faria algo mais.

Yashiro estava lá ao lado dela também. Sua cauda balançava de um lado para o outro.

"...E? Isso é tudo?"

"Sim, isso é tudo. Pode ir agora", disse ela de forma direta, fazendo um gesto com a mão para me dispensar.

"Oh, claro..." murmurei para mim mesma enquanto me virava e começava a andar novamente. "Sério, o que há com essa mulher?"

Uma coisa é não ligar para o mundo ao seu redor e seguir no seu próprio ritmo. Isso aqui já era outro nível. Mas, por outro lado, era verdade que, de vez em quando, Adachi dizia a mesma coisa sobre mim. *Espera... Não. Não, não.*

De jeito nenhum eu era tão ruim quanto ela. Pelo menos, eu não achava que fosse.

"Claro que não era só isso."

"Uau!"

A voz repentina foi seguida por um impacto que fez tanto eu quanto a mala — que eu achava ser pesada — balançarmos para cima e para baixo.

Com sandálias e a escova de dentes ainda na boca, minha mãe me agarrou por trás.

Não muito distante, um certo leão vinha atrás dela, tropeçando até mim.

"Divirta-se por lá."

Essas foram as palavras que ela me disse enquanto bagunçava meu cabelo, de um jeito que eu até poderia descrever como violento.

E assim, todo o tempo que eu tinha passado fazendo meu cabelo pareceu perdido.

Eu queria pará-la, protestar. No entanto, justo quando estava prestes a fazer isso, percebi o quão finos seus braços haviam ficado. Acabei não fazendo nada.

"Enquanto você estiver feliz, isso é tudo o que importa pra mim."

"É."

Por um momento, ficamos assim, com ela continuando a bagunçar ainda mais meu cabelo.

Isso durou até que ela se satisfizesse. A escova de dentes ainda saindo da boca, um sorriso largo apareceu em seu rosto.

"Então, até logo."

Ouvi o som das sandálias batendo no chão quando ela se virou e entrou novamente.

"Até logo."

Imitando-a, o leão também me acenou com a mão antes de seguir atrás dela, tropeçando em seus próprios passos.

"Ei, mamãe. O que vamos jantar hoje?"

"Restos de ontem."

"Uhuul!"

"Haha. Eu gosto de você. Tudo o que eu digo te faz feliz. É tão simples."

As duas eram tão diferentes — especialmente em altura — e ainda assim, pareciam se dar muito bem. Vendo-as entrarem, não pude deixar de rir um pouco também.

"Hmm, eu me pergunto..."

Nenhuma delas havia mudado nem um pouco.

Minha mãe era adulta desde sempre, desde que eu nasci, e, desde que a conheci, Yashiro também sempre foi uma criança.

Tinha alguém completamente insubstituível tanto abaixo quanto acima de mim.

Me peguei pensando também na minha irmã e no meu pai enquanto observava as paredes dos prédios próximos.

A existência de todos eles enchia meu coração de calor.

Enquanto Adachi havia deixado completamente sua casa e família para trás, eu não acreditava que conseguiria fazer o mesmo.

***

Assim como havia conversado com Adachi, não visitava um aeroporto desde que ainda estava no ensino médio.

Por algum motivo, me vi ficando meio animada enquanto observava os vários tipos de mensagens rolando pelas telas penduradas no teto. *Para que serviam?* Fiquei me perguntando. O piso estava polido até o ponto de brilhar, e as divisórias vermelhas, usadas no lugar de paredes, refletiam sobre ele. Ao meu redor, ouvia-se uma mistura de passos, anúncios e o som de máquinas. Parecia que havia mais pessoas do que o habitual, o que fazia sentido, já que era temporada de férias.

Tirei o celular do bolso para mandar uma mensagem para a Adachi. Tinha uma sensação de que ela talvez já estivesse me esperando.

"Shimamura."

No momento seguinte, meu nome foi chamado. Apesar da multidão ao nosso redor, eu ainda consegui ouvir a voz dela perfeitamente. *Que estranho.* Levantei a cabeça rapidamente.

Um sorriso suave podia ser visto no rosto de Adachi enquanto ela se aproximava de mim.

Na maioria das vezes, era ela quem chegava primeiro quando marcávamos de nos encontrar em algum lugar. Eu até me sentia mal por sempre fazê-la esperar, mas mesmo quando eu tentava chegar mais cedo, ela ainda assim conseguia chegar antes de mim. Deixando isso de lado, o que mais me chamou a atenção foi o fato de que Adachi estava carregando muito menos bagagem do que eu.

Levantei a mão e a cumprimentei.

"*Ooi.*"

"O-Oi."

Dava para ver que ela entrou em pânico um pouco enquanto tentava me cumprimentar. Vamos dizer que ela falhou nisso, e falhou feio.

"A—Err... Adache."

"Você não acha um pouco cedo para se fingir de estrangeira?"

"Tá bão, tá bão."

Tem um fundo de verdade nisso; nem mesmo tínhamos decolado ainda. Mas, o cheiro que pairava pelo aeroporto realmente me fez sentir que estávamos em um lugar distante. *Seria porque eu nunca tinha experimentado o que é estar além dos mares? Talvez.*

Fiquei com a impressão de que alguém como a Hino poderia responder a essa pergunta.

"Eu estudei um pouco de inglês para me preparar. Achei que seria bom usar."

"Parece que não teve muito resultado, né?" Adachi murmurou baixinho. Fingi não ouvir, e então começamos a andar.

O som das rodas da minha mala me encheu de conforto; realmente parecia que eu estava indo para frente.

"Não pude deixar de perceber que você trouxe muito mais bagagem do que eu, Shimamura."

Era exatamente o que minha mãe tinha me dito. Quase acabei resmungando, mas felizmente consegui me controlar a tempo.

"Se você precisar de algo, é só me avisar."

"Tudo bem", eu adicionei. Um riso curto saiu da boca da Adachi.

Ela então olhou para o relógio e me disse que ainda tínhamos "muito tempo".

"Na verdade, acho que podemos ter tempo de sobra."

"Hmm... Bem, tanto faz. Que tal conversarmos enquanto esperamos?"

"Claro", Adachi assentiu, parecendo mais do que feliz com a ideia.

"Faz um tempo desde a última vez que andei de avião."

Esse meu comentário fez Adachi baixar a cabeça. Depois de alguns momentos, ela assentiu ligeiramente.

"Você não esqueceu, esqueceu?"

"Esqueci. Mas, lembrei de novo."

A memória dela era como os semáforos; ambos tinham a tendência de piscar, indo e voltando.

"Hmm. De algum jeito, eu sinto que você na verdade lembrava o tempo todo."

Aquela foi nossa primeira viagem juntas, afinal.

"Muita coisa aconteceu, né?"

"Sim."

Dessa vez, ela me deu uma resposta real, sem tentar bancar a desentendida.

...Bem, eu falo que muita coisa aconteceu, mas olhando por um ponto de vista objetivo, nenhuma daquelas coisas foi realmente significativa. Havíamos simplesmente feito uma viagem escolar, como qualquer criança faria, e fizemos todas as coisas usuais.

Será que foi realmente tudo trivial? Será que não teve nenhum propósito? Talvez.

E, ainda assim, apesar disso, eu conseguia me lembrar de tudo. Eu sentia que ali era onde o verdadeiro significado e valor das memórias se mostravam.

"Ah, e uma vez que chegarmos lá, estou ansiosa para andar de barco. Deve ser divertido."

"Hmm..."

"Tem outras coisas que eu gostaria de fazer também, no oceano."

Fiz uma lista de alguns dos meus planos — que ainda estavam em fase de desenvolvimento — o que fez um leve sorriso surgir no rosto da Adachi.

Ela realmente havia melhorado muito em questão de sorrir. Era uma alegria silenciosa para mim ver como ela estava dando esses pequenos passos de progresso.

Passamos o tempo restante até o momento de embarcar no avião olhando pela grande janela ao nosso lado. Ficamos como crianças, grudadas no vidro. O que me chamou a atenção não foram tanto os próprios aviões, mas sim a pista de pouso. Eu tive que apertar um pouco os olhos enquanto a observava. O brilho de fora era realmente forte.

"Cheguei tão longe..."

Eu não queria dizer isso em voz alta. As palavras simplesmente saíram de minha boca, sozinhas.

"Nem sequer embarcamos no avião ainda, sabia?"

Adachi parecia bem confusa com minha declaração estranha.

"É..."

Uma vez que fizéssemos isso, uma vez que entrássemos no avião, poderíamos ir ainda mais longe.

O que nos esperava lá era algo que ainda fazia parte de um sonho. Um sonho que eu mal podia esperar para desvendar.

***

E assim, partimos.

Estávamos nas alturas, nós duas, ultrapassando limites que, quando crianças, nunca teríamos imaginado.